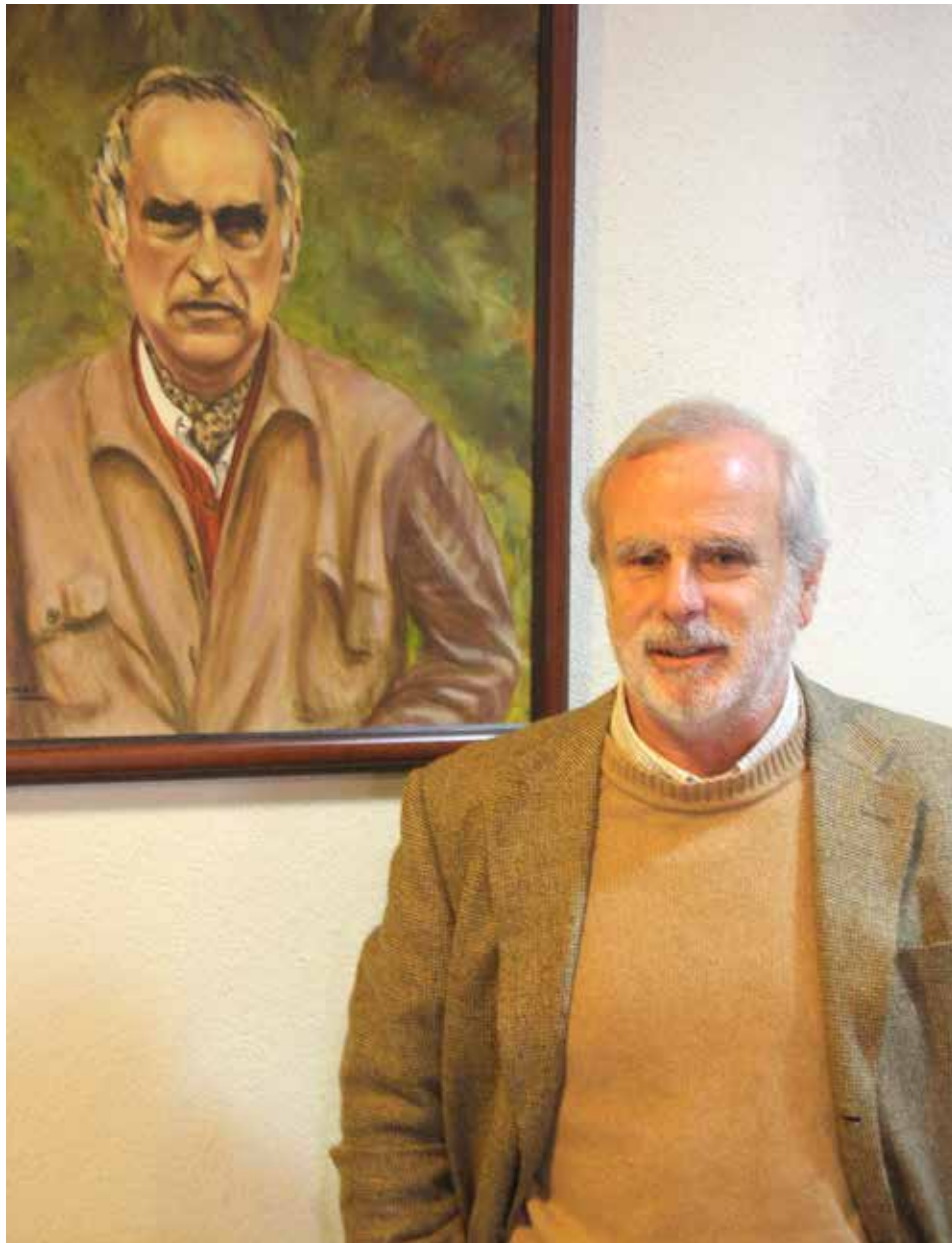


Uma visão multidisciplinar sobre a Ecologia

Apresentando-se como uma instituição acolhedora e dotada de “uma identidade muito própria”, o Centro de Ecologia Aplicada ‘Professor Baeta Neves’ (CEABN) tem contribuído para reforçar o papel da Ecologia enquanto área científica, em Portugal e no mundo.



Francisco Castro Rego, coordenador do CEABN, junto a uma pintura a óleo que retrata Carlos Baeta Neves (da autoria de Azevedo Gomes).

Integrado no Instituto Superior de Agronomia (ISA), o CEABN corresponde a uma unidade de investigação constituída em 1995, procurando atender a uma necessidade então identificada: a de desenvolver um organismo que – tal como contextualiza o coordenador, Francisco Castro Rego – pudesse “fazer a interface entre o que é o conhecimento científico no domínio da Ecologia e o

que são as suas aplicações na prática, dentro das vertentes agronómica, florestal e paisagista”. Fundado pelo nosso interlocutor, em conjunto com os professores João Bugalho e Cristina Castel-Branco, desde a sua génese que o Centro se encontra dotado de “uma identidade muito própria”, simbolizada no facto de o seu nome fazer referência à incontornável memória de Carlos Baeta

Neves (1916-1992), influente professor catedrático e engenheiro silvicultor.

Mais, todavia, do que prestar uma simples homenagem à memória de “uma figura inspiradora”, preservando o seu legado e local de trabalho, tem sido preocupação do CEABN “respeitar a alma científica de uma pessoa que sempre se bateu imenso pela Ecologia e pela sua aplicação às questões florestais”. Igualmente valiosa para a filosofia desta unidade de investigação foi, desde sempre, a “visão integradora” com que Carlos Baeta Neves se dedicou à Ecologia, trabalhando esta área do conhecimento naquilo que Francisco Castro Rego descreve como “o seu sentido mais correto, profundo e aplicado”. Nesse sentido, não constituirá surpresa que o coletivo de investigadores (cerca de 20 elementos doutorados) que integra o Centro comungue não apenas destes valores, mas também de uma saudável multidisciplinaridade, procurando encontrar eixos de ligação em universos tão díspares quanto a Engenharia Florestal, a Arquitetura Paisagista ou a Biologia.

A Ecologia nas suas dimensões

Fazendo justiça a essa mesma heterogeneidade, existem cinco áreas de investigação particularmente “fluidas” no âmbito desta unidade, que “se entrecruzam bastante” na prossecução de novo conhecimento. Uma destas linhas de produção científica centra-se na Biodiversidade em Ecosistemas Agrícolas e Florestais, no contexto da qual se procura conhecer o impacto que as ações de ordenamento e a gestão em sistemas agrícolas, agro-silvo-pastoris e florestais nutrem na biodiversidade e, com base nessa perceção, refletir sobre o papel das políticas agrícolas e florestais que têm sido implementadas, quer em Portugal, quer no território europeu. Relevante, neste contexto, é a estreita relação de parceria que existe entre o CEABN e instituições como o World Wildlife Fund (WWF).

Outra grande temática de investigação corresponde ao Desenho Ecológico

e Arquitetura Paisagista, no seio da qual se procuram analisar fatores como “o valor e o papel que as árvores assumem em contexto urbano” e, de uma forma mais abrangente, a importância da integração de processos naturais no desenho ecológico de paisagens humanizadas. Dignos de nota são os protocolos já celebrados com algumas autarquias e o programa de doutoramento LINK, com a Universidade do Porto. Também desenvolvido no âmbito desta linha temática é um conjunto de trabalhos científicos relacionados com “a história e a cultura dos jardins de Portugal”.

Por sua vez, a Gestão e Ecologia do Fogo corresponde a uma das áreas científicas mais dinamizadas no período recente, à medida que os seus estudos se têm dividido em torno de problemáticas como sejam o impacto dos incêndios na vida silvestre (e a resposta de espécies como o sobreiro a este mesmo fenómeno), bem como a utilização de fogo controlado na gestão de paisagens e florestas. Igualmente analisada é “a resiliência social das comunidades aos incêndios” (isto é, a forma como as populações se comportam na gestão pós-fogo) e o processo de recuperação das áreas ardidas. Refletindo a grande proximidade que os investigadores do CEABN nutrem junto dos contextos investigados, é com naturalidade que existem parcerias e estudos dedicados à realidade concreta de Câmaras Municipais (como a de Coruche) e a territórios como a Tapada Nacional de Mafra.

Paralelamente, a Gestão de Vida Silvestre corresponde a uma linha de investigação com fortes raízes na Biologia, sendo com o apoio desse enquadramento que se estudam fenómenos como, por exemplo, o impacto que determinadas espécies animais (nomeadamente, os herbívoros silvestres) exercem na ecologia do ecossistema (e na abundância ou escassez de algumas tipologias de vegetação). Também prioritário tem sido o desenvolvimento de investigação científica em torno da distribuição de espécies como a rola comum

e o linco ibérico, num conjunto de esforços que têm permitido sintonizar o CEABN junto de entidades como o Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF).

Sublinhe-se, por fim, a existência de uma área de trabalho dedicada à Educação Agro-ambiental e Disseminação de Conhecimentos. A fundamentação por detrás de um eixo voltado para esta temática não poderia ser mais clara: “temos bastante produção científica sob a forma de artigos, mas também valorizamos a relação com os utilizadores”, sustenta Francisco Castro Rego. Assim sendo, é na “aplicação da Ecologia” e no desenvolvimento de “interfaces com as realidades locais” que esta vertente do CEABN tem colocado a tônica do seu trabalho, o qual se tem materializado através de iniciativas como a organização de “programas de educação agro-florestal e de ambiente junto de escolas”.

Transmissão de conhecimento

Um das mais emblemáticas iniciativas de transmissão de conhecimento às comunidades do ensino básico e pré-escolar reflete-se no projeto ‘Tapada da Ajuda’, a pretexto do qual se realizam di-

versas atividades lúdicas e pedagógicas, tendo em vista “a sensibilização dos mais jovens para questões relacionadas com a Ecologia”, como sejam “o ciclo da água” e “a importância da floresta”. Longe de serem recentes, há muito que as ações dinamizadas pelo CEABN junto das comunidades mais jovens mereceram o aplauso e a atenta observação de personalidades como Hillary Clinton (ainda enquanto primeira-dama dos Estados Unidos da América), devido ao diálogo pioneiro que estas atividades propunham entre, por um lado, crianças a frequentar a educação primária e, por outro, estudantes/investigadores universitários afetos ao ISA.

Ainda no que às ações de out-reach diz respeito, importa mencionar a forma como “o Centro tem também dinamizado campanhas e cursos de formação” ou workshops direcionados para públicos e propósitos igualmente amplos. Já numa parceria com as outras duas unidades de investigação integradas no ISA (o LEAF – Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food e o CEF – Centro de Estudos Florestais), tem sido recorrente a elaboração de “conferências conjuntas” que, pelo seu interesse e pertinência, se constituem como valiosos momentos de “troca de conhecimentos com o público”.



Pensar o futuro

Falar no CEABN é fazer referência a muito mais do que um agente impulsor do conhecimento à escala local ou nacional. Efetivamente, e mediante mais de 20 anos de labor científico, a unidade de investigação tem procurado a associação junto de “estruturas de grande peso, em Portugal e no estrangeiro, dentro da área da Biodiversidade”, integrando hoje o Laboratório Associado sobre Biodiversidade e Biologia Evolutiva (InBIO). Concomitantemente, é com toda a facilidade que os investigadores do Centro – todos eles convictos das mais-valias da mobilidade científica – se integram facilmente em diversos projetos de alcance europeu.

Claro está que, em consonância com todos estes méritos além-fronteiras, existe uma espécie de achievement que, pese embora não seja quantificável em número, se evidencia na marca indelével que o CEABN deixa na sociedade portuguesa. Acima de tudo, hoje está consolidada “a ideia de que, para aplicarmos os princípios da Ecologia e garantirmos que os seus processos se mantêm, temos de fazê-lo com uma base científica completamente sólida, inquestionável e internacional”, sustenta Francisco Castro

Rego, numa alusão à principal crítica que, outrora, era frequentemente endereçada aos partidários do ambientalismo: a ausência de sustentação científica. Tal corresponde, felizmente, a um cenário ultrapassado numa conjuntura em que “o público em geral já demonstra uma sensibilização muito maior” para esta tipologia de temáticas.

Posto isto, e volvidos 23 anos desde a sua génese, o CEABN é uma entidade que se mantém de olhos fixos no horizonte, à medida que o nosso interlocutor – que se demonstra otimista relativamente à nova presidência do ISA – aponta para “a necessidade de uma renovação no Centro”, com nova coordenação e uma integração estável das novas gerações de investigadores que aí trabalham. Questionado, por fim, sobre os principais desafios que os colaboradores afetos a esta área científica deverão enfrentar no futuro próximo, o ainda coordenador do organismo aponta que, talvez ainda mais prementes do que as questões centradas no ecossistema em si, serão os problemas de ordenamento da paisagem a nível nacional a liderar um debate académico ao qual jamais se poderá escusar, naturalmente, a multidisciplinaridade.

